

Resgatando memórias de quem faz história: a ocupação e transformação da Região da Grande Terra Vermelha-ES

UEBER JOSÉ DE OLIVEIRA*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos da ocupação da Região da Grande Terra Vermelha (RGTV), aglomerado urbano localizado na Região Metropolitana da Grande Vitória, estado do Espírito Santo. Para tanto, recorre à análise de três entrevistas realizadas junto a lideranças de bairros da referida região. A hipótese é a de que a ocupação da região, ocorrida a partir da década de 1960 diante da instalação dos *Grandes Projetos de Impacto*, se deu ao largo de qualquer política pública direcionada para o setor urbano, que fez prevalecer, acerca da região, certos estigmas como o lugar que abriga os bairros mais pobres e violentos, os quais a comunidade procura combater. A técnica utilizada foi a da história de vida, procurando observar as aproximações entre essas e o objeto de pesquisa.

Palavras-chave: pobreza; periferia; memória.

Abstract

This article aims to analyze some aspects of the “Grande Terra Vermelha” (RGTV) occupation, which is an urban agglomeration located in the Grande Vitoria Metropolitan Area, in the Brazilian state of Espírito Santo. It is based on the analysis of three interviews conducted with leaders of districts in that region. The hypothesis is that the occupation of the region, which occurred from the 1960s after the installation of Large-impact Projects, happened without any public policy directed to the urban sector, making prevail, about that region, certain stigmas, e.g. the place of the poorest and most violent neighborhoods, which the community keeps combating. The technique used was the Life History Method, trying to observe the similarities between these narratives and the research object.



* **UEBER JOSÉ DE OLIVEIRA** é Professor Adjunto do Departamento de Educação e Ciências Humanas – Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes/UFES); Doutor em Ciência Política – Ufscar.

Key words: poverty; periphery; Memory.

Considerações iniciais

O presente artigo tem por finalidade estudar, numa perspectiva histórica, o processo de formação, crescimento e desenvolvimento da Região da Grande Terra Vermelha, Vila Velha-ES, com base, principalmente, no resgate das memórias de algumas lideranças das comunidades que compõem a referida região e/ou que estiveram direta ou indiretamente envolvidos em seu processo de desenvolvimento.

Quanto a seus aspectos metodológicos, pelo fato de tratar de um fenômeno de ocupação territorial, na contemporaneidade, e se basear, em grande medida, no relato de partícipes diretos no objeto estudado, o presente trabalho pode ser enquadrado naquilo que se convencionou chamar de *História do Tempo Presente*, escola fundada por François Bédarida em meados da década de 1970 e que trazia como principal inovação a união e a interação entre o presente e o passado, em meio a uma crise de paradigmas das ciências sociais, momento do “retorno vigoroso da história e da memória” (BÉDARIDA, 2005, p. 219). Em se tratando da *História do Tempo Presente*, é comum a vinculação entre esta e a utilização dos métodos e técnicas da *História Oral*, que esse trabalho utiliza como parâmetro.

Segundo Lucília Delgado, *História Oral* pode ser conceituada

“[...] como um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, visões e

interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais [...]” (DELGADO, 2010, p. 15).

Tal *História Oral* recorre à memória como fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida. Assim, a *História Oral* pode ser considerada também uma produção especializada de documentos e fontes (DELGADO, 2010).

A mesma autora chama a atenção para as possibilidades de tal modalidade de pesquisa, que podem ser sintetizadas nas seguintes: a) revelar novos campos e temas de pesquisa; b) apresentar novas hipóteses; c) recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, entre outras; d) possibilitar a construção de evidências via entrecruzamento de depoimentos (DELGADO, 2010), entre várias outras possibilidades. Dentre essas possibilidades relacionadas, faz-se importante ressaltar que esta pesquisa trata justamente de um estudo regional acerca de um conjunto de bairros cuja existência guarda as suas especificidades e, ao mesmo tempo é impactada por ações e/ou políticas de âmbito nacional.

Com esse raciocínio, não se pode concluir, obviamente, que a história nacional é o somatório das histórias regionais, mas estas indicam as variáveis que são relevantes para a compreensão do sistema global de relações. Salienta-se, ainda, que as “[...] histórias regionais podem indicar o grau de estabilidade e de continuidade deste sistema [...]” (SILVA, 1990, p. 49).

Além disso, é importante observar que as especificidades dos estados, dos municípios e, no limite, das microrregiões e até dos bairros quase nunca são incorporadas a um tratamento analítico mais elaborado.

Ainda quanto a aspectos metodológicos, ressaltamos que, de acordo com a metodologia da *Pesquisa em História Oral*, a qual recomenda que a escolha dos entrevistados não deve ser orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens (ALBERTI, 2005), tivemos a preocupação de fazer a escolha tendo como base a posição do entrevistado no grupo ou no fenômeno estudado, sendo, portanto, uma escolha qualitativa. Assim, foram elencadas pessoas que tiveram algum papel no processo de formação dos bairros que compõem a região da Grande Terra Vermelha, bem como no seu desenvolvimento.

Tal postura é importante pois, segundo José Carlos Meihy (1996), a

[...] a História Oral não se restringe a uma história de vida, a um único relato, ou a um único depoimento: trabalhando com relatos de vários indivíduos de uma mesma coletividade, abre-se possibilidade da leitura do social, através de múltiplas versões individuais, permitindo reconstruir, através de vários relatos, a história estrutural [...] (MEIHY, 1996, p. 53).

Assim, após a realização das entrevistas (cinco no total, das quais utilizaremos três no presente trabalho), elas foram transcritas e cotejadas à luz de outras fontes disponíveis, seja nos arquivos públicos, seja nos órgãos governamentais, ou nos veículos de

imprensa, bem como em outros meios de busca de informação, inclusive virtuais, no sentido de compreender a ocupação da Região de Terra vermelha em variadas dimensões.

Finalizando as considerações iniciais, destacamos que este trabalho está dividido em duas partes, além desta introdução. Na primeira, trataremos da formação da Região da Grande Terra Vermelha. O contexto histórico, tanto nacional quanto regional, em que surgiu, bem como as motivações que levaram as pessoas a se deslocarem para a região. Em seguida, no segundo tópico, trataremos de caracterizar a região depois de constituída. Indicaremos, assim, suas atuais condições, em termos econômicos, sociais, políticos e culturais. Por fim, serão tecidos alguns comentários em termos de considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Formação da Região da Grande Terra Vermelha: memórias da ocupação

A Região da Grande Terra Vermelha (RGTV), também denominada Aglomerado, localiza-se na região sul do Município de Vila Velha, há aproximadamente 15 Km do centro e a cerca de 30 Km da capital do Estado do Espírito Santo, Vitória. Os bairros que compõem a área da Grande Terra Vermelha se localizam, na sua quase totalidade, à margem direita da Rodovia do Sol (ES-060), no sentido Vila Velha – Guarapari (ZANOTELLI, 2004), próximos à Barra do Jucu e nas imediações da Reserva de Jacarenema. São ao todo 12 bairros, a saber:

1	23 de maio
2	Barramares (Estrela)
3	Brunela (Terra Vermelha)
4	Cidade da Barra
5	João Goulart
6	Morada da Barra
7	Normília da Cunha
8	Riviera da Barra
9	São Conrado
10	Residencial Jabaeté
11	Terra Vermelha
12	Ulisses Guimarães

Figura I – Mapa base do Aglomerado de Terra Vermelha



Fonte: Espírito Santo, 2004

Figura II – Ortofoto do aglomerado de Terra Vermelha 2011



Fonte: Espírito Santo, 2004

Há também algumas localidades de ocupação pouco intensa, que não são ainda considerados bairros, mas *Localidades Rurais*¹. De acordo com o Censo 2000, o aglomerado urbano possuía naquele ano uma população de 29 mil habitantes. Em 2010, segundo os dados do último censo, o número de habitantes saltou para 43.467 habitantes.

Figura III – Foto Aérea da Região da Grande Terra Vermelha



Fonte: desconhecida. Disponível em: <http://www.flogao.com.br/flbenfica/112179705>

¹ Segundo o Relatório produzido pela Secretaria Extraordinária de Ações Estratégicas (SEAE) e Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), o Conglomerado de Terra Vermelha possui 12 bairros. Em alguns sites consultados, a exemplo do <http://historiastvermelha.blogspot.com/2010/05/listagem-verdadeira.html>, acessado em 8 fev. 2012, a Região possui 22 bairros. Para alguns moradores, a quantidade de bairros da região gira em torno de 26 a 27. Para a presente reflexão, tomamos a informação oficial como parâmetro, por acreditar que é a partir dela que o poder público direciona ações para a região.

O Município no qual se localiza a RGTV, Vila Velha, faz parte da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), composta por 6 municípios – Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra, Viana, Guarapari e Fundão – cuja população atual é estimada em 414.586 habitantes. Vila Velha é o segundo município mais populoso do Estado, atrás somente de Serra e à frente de Cariacica, além da Capital, Vitória, 4º colocada, sendo o maior colégio eleitoral (227.797 eleitores), a frente de Vitória, Serra e Cariacica².

Importante salientarmos que apesar de estar localizada em um dos municípios mais prósperos do Espírito Santo, a Região de Terra Vermelha representa um contraste, visto que não possui uma condição muito privilegiada em termos socioeconômicos. Embora se evidencie que esse quadro vem se modificando significativamente nos últimos anos, Terra Vermelha adquiriu e manteve, no decorrer de sua história, o estereótipo de região que abriga os bairros pobres, violentos e perigosos, assim como as invasões e loteamentos irregulares, tal como atestam os trabalhos de Mattos (2011), Mattos & Rosa (2011) e Zanotteli (2004).

Note-se ainda que Terra Vermelha, por sua localização, foi uma entre as várias regiões de ocupação desordenada que surgiram como consequência das

transformações demográficas e urbanas que atingiram o Espírito Santo, em especial a região da Grande Vitória, a partir das décadas de 1960 e 1970 (SIQUEIRA, 2001). Segundo dados levantados pela Professora Maria da Penha Smarzaro Siqueira (2001), o Município que abriga a RGTV, Vila Velha, evoluiu de 56.445 habitantes em 1960, para 203.401 em 1980, o que representa um salto de cerca de 360% (Tabela abaixo), e Terra Vermelha foi um dos principais destinos desse excedente populacional, especialmente a partir de meados da década de 1980 e início dos anos 1990.

² Dados do Censo do IBGE, 2010. Disponíveis em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 fev. 2012. Segundo Estimativas do IBGE, o Município de Serra se tornou muito recentemente o Município mais populoso, ultrapassando Vila Velha, primeira colocada até então. Para maiores esclarecimentos, ver: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2013/08/noticias/cidades/1458608-espírito-santo-ganha-quase-325-mil-pessoas-em-tres-anos-serra-e-o-municipio-mais-populoso.html

Tabela II – População de Cariacica e da Grande-Vitória (1940-1980)

ANO	1940	1950	1960	1970	1980
Vila Velha	17.079	23.127	56.445	123.742	203.401
Cariacica	15.228	21.741	40.002	101.422	189.099
Serra	9.381	9.245	9.729	17.286	82.568
Vitória	42.271	50.415	81.361	133.019	207.747
Viana	7.611	5.896	6.847	10.529	23.448
Grande-Vitória	91.570	110.424	194.384	385.998	706.263

Fonte: Siqueira (2001)

Esse conjunto de transformações demográficas ocorreu na esteira do tardio processo de industrialização do Espírito Santo, impulsionado simultaneamente ao programa de erradicação dos cafezais (1962 a 1967), que extinguiu 53% da lavoura do Estado, num total de aproximadamente 300 milhões de pés erradicados, e que provocou um impacto social de 60 mil desempregados rurais, equivalendo a

200 mil pessoas que saíram do campo para a cidade, das quais 120 mil dirigiram-se para a região da Grande Vitória e 80 mil deixaram o Estado (ROCHA & MORANDI, 1991). Apesar da criação dos Grandes Projetos Industriais, esse quadro levou ao surgimento de grandes bolsões de pobreza, sobretudo na região metropolitana.

Tabela III – Percentual de cafezais erradicados em relação ao número existente em 1962

Estado	%
Espírito Santo	53,8
Minas Gerais	33,0
São Paulo	28,4
Paraná	26,0

Fonte: Rocha & Morandi (1991)

Originalmente, a Região da Grande Terra Vermelha abrigava um conjunto de fazendas e sítios, conforme as memórias da Dona Genair Maria da Silva, vulgo D. Joana:

[...] onde nós estamos tudo aqui era uma fazenda. Da rua principal de Terra Vermelha pra lá, subindo até

lá no Normília era outra fazenda. Aonde é o casarão hoje também era uma fazenda. Então meu pai trabalhava na fazenda. Então tinha nossa casa aqui, e a casa do fazendeiro lá em cima do morro, e o resto era tudo mata. Então toda lua cheia meu pai e minha mãe subia pra ver a lua nascer na praia, lá do

morro a gente avistava a praia. E aí derrubaram o morro e acabaram com tudo. Eu morei 12 anos aqui antes de Terra Vermelha [...] A gente produzia abacaxi, banana, mamão, laranja, mexerica, jaca, e a gente plantava algumas hortaliças, como quiabo, jiló essas coisas assim. E a gente ia pra feira com essas coisas. O sítio não era nosso, era de uma senhora, aí o que colhia aqui no sábado, ela colocava dentro do carro e todo sábado a gente ia pra feira de Vila Velha vender, eu e meu marido [...].³

A ocupação mais incisiva da RGTV se iniciou em meados da década de 1980, a partir de famílias que ocupavam área próxima à adutora do Rio Marinho⁴, bem como de famílias desprovidas de residência fixa que moravam em outros bairros do Município de Vila Velha, as quais descobriram um terreno desocupado, que fazia parte do loteamento denominado *Brunella Um*⁵. O então Governador do Estado, Max Freitas Mauro (1987-1990), após diversas reivindicações de vários movimentos por moradia no Município, desapropriou a área de restinga e autorizou a construção das casas. As memórias da mesma Dona Joana são também reveladoras nesse sentido, quando afirma que

Um fazendeiro que era dono de Normília, onde é o Casarão e a baixada onde é a principal rua de Terra Vermelha, pra lá, até na beira do valão né, ele era dono de todo o terreno, todinho. Ele tinha o terreno, mas o terreno era devoluto. Ele invadiu o terreno, e falou que não foi na fazenda do estado porque ele invadiu o terreno. Você vai na fazenda do estado e legaliza, paga os impostos e aí você fica quite com o Estado. Isso porque o cara lá não tinha feito isso. Ele invadiu e foi tratando, fez loteamento e aonde era pra tratar... ele mexia com gado, e fez um curral muito grande naquela baixada ali, fez um curral e tirava leite, fazia queijo, esses negócios assim [...]. Esse rapaz que era dono dessa fazenda aqui, ele perdeu porque ele não tinha legalizado. Então o governo pagou a benfeitoria que ele tinha feito no terreno, tinha duas casas, ele tinha feito loteamento, o que ele gastou lá, o governo pagou ele, pegou a terra e deu para os outros.⁶

Ainda sobre esse momento inicial de ocupação, contamos com as memórias da moradora Lindaci da Silva Oliveira, que nos dão pistas acerca da organização dos movimentos por moradia no Município de Vila Velha e também acerca da maneira como a região foi sendo ocupada:

[...] Eu sou do interior de Ecoporanga/ES, aí vim pra cá para Vila Velha, morava em Paul. Pagava aluguel, e na época surgiu o movimento popular de moradia. A gente fazia reunião todo domingo.

³ SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012.

⁴ Corresponde a um bairro do mesmo Município de Vila Velha.

⁵ Terra Vermelha – Sua Origem. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/terra-vermelha-sua-origem.html>. Acesso em: 8 fev. 2012.

⁶ SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012.

E na época, cada região tinha o seu coordenador. Em Paul era o Orlando, em Aribiri era Maria Clara e, se eu não me engano, em Boa Vista era Dozinha. Na época, eu estava muito necessitada, e a gente fazia reunião todos os domingos lá em Paul, e ia meu marido e eu estava grávida na época. Eu sei que tinha muita gente que precisava na época, mas o Seu Orlando viu minha necessidade, aí construíram umas casinhas. No meu caso, foi a última etapa. Aí ele chegou lá em casa e falou assim: "Seu João, se você quiser a casa, a chave está aqui e se você quiser ir para lá hoje, você vai porque estão querendo invadir lá". Aí o João veio de noite mesmo e passou a noite e no outro dia foi trabalhar. E na mesma semana eu juntei minhas coisinhas aí nós viemos. Aí uma semana depois eu fui na feira e nessa época não tinha energia e nem água nas últimas etapas. Ai os moradores se juntaram e cada um dava uma cota para comprar os fios para levar energia e água, e nós compramos os canos, e depois a Escelsa foi e ligou tudo direitinho [...]⁷

Após essas primeiras ocupações, algumas regulares, a partir da subvenção do governo do estado, outras ocupações, irregulares, realizadas sem controle algum, também foram ocorrendo. Sobre essas primeiras ocupações, os relatos da Dona Genair Maria da Silva:

Na época era o Vasquinho⁸, não sei se vocês conhecem o Vasquinho, Vasco Alves, porque ele era Prefeito. Então, até chama ele de "*Prefeito invasor*" porque foi ele que abriu as portas pra invadir isso tudo aqui, entendeu? E aí começou a invadir pra lá, começou a invadir pra cá, e depois Barramares, primeiro foi Normília, aí começou a expandir. Terra Vermelha ficou a Grande Terra Vermelha, como vocês veem falar aí, a Grande Terra Vermelha!⁹

Pela forma como se deu a sua constituição, o crescimento populacional da região não foi acompanhado de planejamento adequado do uso do solo, nem da disponibilidade de serviços públicos de qualidade, ou de equipamentos coletivos. Consta que a região não contava sequer com água encanada, vista como o principal problema nos primórdios da ocupação e por motivos óbvios.

Assim, com o povoamento desordenado da RGTV, a falta de água tratada na região passou a ser uma constante, sendo os moradores obrigados a utilizarem água de um poço em uma fazendinha próxima¹⁰. As memórias da mesma Dona Joana nos esclarecem a respeito:

⁷ OLIVEIRA, Lindaci da Silva. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e às turmas de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 3 jul. 2012.

⁸ Vasco Alves foi prefeito do Município de Vila Velha entre os anos de 1992 a 1996.

⁹ SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012.

¹⁰ Terra Vermelha – Sua Origem. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/terra-vermelha-sua-origem.html>. Acesso em: 8 fev. 2012.

[...] como só tinha a minha casa aqui, só eu tinha poço de água, não tinha água aqui. Os primeiros moradores que vieram pra cá, pra Terra Vermelha, sofreram um pouco, porque tinham que vim aqui na minha casa pegar água pra comer, pra beber, pra fazer comida. Eles vinham lavar roupa, tudo aqui no meu poço. Aí eu já tinha luz, já tinha bomba, já era tudo mais fácil. Ligava a bomba, lavava a roupa e vinha aquele monte de mulher lavar a roupa e depois ia embora. Era aquela luta! Carregava balde de água na cabeça, foi muita luta! Então foi assim que nasceu Terra Vermelha.¹¹

Ainda sobre a situação, as memórias de Dona Joana nos dão a medida exata das condições precárias a que estavam submetidos os primeiros moradores da região. Apesar de longo, o trecho abaixo é revelador:

Tinha muita gente. Veio muita gente pra cá em situação precária, que morava debaixo de lona. É, morava em baixo da lona! E não tinha o que comer. Então, quando veio esse CAIC pra cá, para essa região aqui, o CAIC veio na época da invasão do Normília, invasão do João Goulart, invasão da Cidade da Barra e do Ulisses Guimarães. Veio na época a invasão, o CAIC [...]. Então, na época, eu trabalhava no CAIC. Eu trabalha na parte da manhã de cozinha. Aí é... A comida que sobrava era jogada [atende celular]. Muita gente, muita gente pobre, muita pobreza mesmo! Muita pobreza mesmo entende? De

a pessoa ter que comer lavagem entendeu? Então, assim, tinha garoto que entrava na fila para merendar e falava assim: Tia, com a vasilhinha... se a senhora não me der um pouquinho pra mim levar pra minha irmãzinha, eu não vou merendar. Por que lá em casa não tem nada pra comer. Então, nessa época, a gente tinha um diretor muito bom! Era o Luís Mares. Ele era um diretor que não fazia conta. Ele era radialista da rádio de Minas Gerais. E ele dizia: Dona Joana, dá comida para esses meninos. Não deixa eles passarem fome, pelo amor de Deus! Eu não aguento ver ninguém passando fome! Aí eu pegava o prato e deixava a marmitinha que eu enchia e dava pra eles na hora de ir embora. A comida que sobrava na panela eu levava e botava numa vasilha grande e levava pra duas famílias que estavam passando necessidade. Levava e dividia pouquinho pra um, pouquinho pra outro. Antes disso, tinha um processo que não deveria dar comida. A SEDU não autorizava ninguém a levar um carvão. Então, o que sobrava dentro da panela, você não podia repetir e não deveria guardar pra amanhã. Você tinha que jogar no ralo. Então eu cheguei pro diretor e falei: você não vai jogar mais nada no ralo! Aí eu peguei e falei pra SEDU: estão jogando muita comida no ralo, e eu quero uma autorização do senhor pra que eu possa dar a comida para as crianças. Eu fazia assim: quando terminava a merenda, eu fazia assim: cada um vai ganhar um pedaço. Era muita sopa. [...]. Era muita sopa de letrinhas, sopa de macarrão, não dava comida, arroz, feijão. Depois que começou a dar arroz, feijão e carne. Mas antes, era muita sopa de legume, sopa de macarrão, sopa daquilo. Então, nas

¹¹ SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e às turmas de 2ºs anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012.

tardes, as crianças, todo mundo levava aquela marmitinha de comida e esquentava em casa pra comer [...].

Outra grande precariedade era o transporte público, pois não havia ônibus que desse acesso ao bairro. Logo, os moradores tinham que passar pelo transtorno de descer na Barra do Jucu e caminhar mata adentro até chegar à Terra Vermelha, carregando seus objetos, ferramentas como enxada, pá, entre outros utensílios¹². Sobre a dificuldade de transporte, um fragmento da entrevista da D. Lindaci, ao falar das dificuldades enfrentadas no contexto do parto de um dos seus filhos, é bastante interessante:

Na época os primeiros moradores pegavam ônibus lá na Rodosol. Aí já na minha época, já que eu vim em 1991, já não era mais na Rodosol já era ali na JR. Pegava o ônibus, e até quando eu fui pra ganhar neném, por exemplo, Terra Vermelha só tinha um fusca, um carro aqui, um fusquinha do Brunella, ali... do ... Alemão do Brunella. Eu estava lá no ponto de ônibus esperando, porque o ônibus demorava muito. Eram horas e horas para passar um ônibus, e eu lá, desesperada, com dor e em pé, andando pra lá e pra cá. Nem lugar pra sentar não tinha. Aí meu marido arranhou aquele carrinho, o fusquinha amarelo, pediu a ele e me levou. Aí só tinha esse carro em Terra Vermelha, e na época de Aline já tinha já a ambulância. Eu já fui de ambulância. Terra

Vermelha já tinha ambulância que ajudava as pessoas.¹³

Mas não demoraria muito para que os moradores buscassem formas de melhorar a sua condição de vida. É sobre essas movimentações que o próximo tópico pretende se debruçar.

Região da Grande Terra Vermelha: diversos atores costurando diferentes solidariedades e vínculos sociais

Após esse início complicado, as comunidades que compõem a Grande Terra Vermelha, a partir de ampla mobilização política e social, vêm adquirindo, nos últimos anos, um conjunto variado de intervenções públicas e privadas que, embora ainda longe de atender a todas as necessidades dos moradores, trouxe algumas melhorias para a região.

Assim, o presente trabalho surge também por ocasião das preocupações ante a necessidade de resgatar e resguardar, para as gerações futuras, as memórias de determinados atores, tanto protagonistas quanto coadjuvantes, que tiveram participação direta ou indireta na formação da Região da Grande Terra Vermelha, no sentido de trazer à luz histórias de vida marcadas por sofrimentos, angústias, dificuldades, mas também por alegrias e amor pela comunidade que, de alguma forma, ajudaram a constituir. O trabalho se justifica, desse modo, pela sua própria natureza, isto é, para que tais memórias não se percam no tempo.

¹² Terra Vermelha – Sua Origem. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/terra-vermelha-sua-origem.html>. Acesso em: 8 fev. 2012.

¹³ OLIVEIRA, Lindaci da Silva. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 3 jul. 2012.

Nessa perspectiva, o artigo pretende “criar e recriar” aqueles que viveram o processo de formação de Terra Vermelha, por meio da coleta de depoimentos, vistos aqui como algo “vivo”, “móvel”, “criativo” e “destrutivo” sendo, por isso, prospectados tendo o cuidado de cotejá-los na busca dos nexos entre texto e contexto, isto é, estabelecendo as relações entre as ideias contidas nos discursos, suas formas de expressão e as demais fontes de investigação.

O resgate das memórias de indivíduos que estiveram envolvidos de alguma forma na ocupação da Região de Terra Vermelha tem a finalidade de suprir, pelo menos parcialmente, uma lacuna, pelo fato de a história regional, focando em um bairro ou em um conjunto determinado de bairros, não é assunto dos mais estudados, principalmente em se tratando de zona de ocupação recente e desordenada tal como ocorreu com Terra Vermelha.

Um trabalho dessa natureza tem a sua importância reforçada quando atentamos para o fato de que a tentativa de explicação histórica, especialmente de fenômenos recentes, precisa confrontar-se com a memória das pessoas que participaram diretamente dos fatos, ou que tiveram intenso conhecimento deles, ainda que indiretamente envolvidos. Nessa perspectiva, sugere Carlos Fico (2008),

[...] a história, pensada enquanto uma representação de algo que já se passou, pode ser objeto de uma disputa de memória, entendida não como ‘evocação’ ou ‘lembança’, mas como afirmação de uma determinada ‘verdade’. O mesmo personagem pode ser glorificado ou demonificado, dependendo de quem

o descreva; um mesmo acontecimento pode ser tido como extremamente positivo, totalmente negativo ou, mesmo, inexistente [...] (FICO, 2008, p. 67).

É justamente isso que a presente pesquisa pretende. Descartando a suposição de que os relatos orais sejam acessos garantidos à verdade, pretendemos seguir procedimentos no sentido da aproximação de um olhar o mais coerente possível, sendo que tais procedimentos podem soar como redundância a cientistas mais experientes, até pela sua simplicidade: devemos coletar os relatos orais a respeito da Região de Terra Vermelha e cotejá-los à luz de outras evidências empíricas disponíveis.

Assim, retomando, após as dificuldades vivenciadas pela população por ocasião da ocupação da Região, tal como se mostrou no item anterior, inicia-se, no seio da comunidade, uma forte mobilização no sentido de imprimir transformações qualitativas na infraestrutura e na organização do espaço geográfico, além, é claro, de reivindicação por mais e melhores escolas, postos de saúde, praças, abastecimento de água, entre outros.

No que tange às lideranças comunitárias que contribuíram para a melhoria da região, todos os entrevistados são consensuais quanto aos nomes do Sr. Washington, o Sr. Marquinho da Moradia, Dona Luzinete, Dona Graça, entre outros, todos líderes comunitários¹⁴, sendo alguns deles

¹⁴ OLIVEIRA, Lindaci da Silva. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 3 jul. 2012; SILVA,

destacados presidentes da Associação de Moradores. Além desses, muitos outros contribuíram de forma direta e/ou indireta para as conquistas da região.

Quanto às conquistas da população da Região da Grande Terra Vermelha, embora reconheçamos os limites das mesmas, aspecto bastante valorizado, tendo como base as entrevistas realizadas por ocasião da confecção deste trabalho, foi a questão dos investimentos em educação. Quando perguntados sobre quais conquistas haviam sido as mais impactantes, todos os entrevistados mencionaram, de alguma maneira, a construção de escolas, entendidas aqui como investimento em educação. Há uma percepção bastante corrente de que a educação é o elemento fundamental para a promoção de melhor qualidade de vida. Isso pode ser evidenciado ao cotejarmos as memórias de Dona Joana, conforme fragmento abaixo:

À princípio, as crianças tinham que ir para a Barra do Jucu ou para o Godofredo¹⁵, em Vila Velha. As crianças que passavam da 5ª série, que não tinha escola. Depois surgiu, em Terra Vermelha, a EPG em Terra Vermelha. Eu acho que a

melhor coisa que surgiu em Terra Vermelha foram as escolas mesmo. Também as linhas de ônibus, pois os ônibus passavam de hora em hora. Mas, assim, as escolas eram mais importantes por causa do perigo de as crianças saírem daqui para fora pra estudar. Ir para Vila Velha, para Barra do Jucu. Escolas de 2ª grau só tinha na Barra do Jucu. Aqui só havia até a 5ª série, que era o CAIC. Depois foram surgindo escolas [...] porque tudo começa na escola. Depois da casa da gente é a escola!¹⁶

Acerca de outras dimensões conquistadas pela comunidade de Terra Vermelha, a mesma entrevistada completa, afirmando o seguinte:

Depois surgiu um posto médico; surgiu um médico que vinha; depois surgiu o posto médico. Esse posto médico seria construído aqui onde é essa escola hoje, mas depois, como tinha local lá, a gente não deixou, porque eles tinham local lá em Terra Vermelha, que era mais centralizado. Depois surgiu a farmácia, que foi a do João. Na verdade João nem era dono da farmácia, ele trabalhava para alguém que botou uma farmácia aqui dentro; veio o primeiro supermercado, [...] era um supermercado grande, Beбето, e depois passou para o Fernando (Fernando do sítio Nandobel). Beбето vendeu para o Fernando. Depois abriu mais um ali onde é o Xavante, não onde é o Xavante não, onde tem uma loja grande ali, onde uma outra loja de móveis ali, ali do

Genair Maria da. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012; MAGESKY, Antônio. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 8 out. 2012.

¹⁵ Dona Joana se refere à escola da rede estadual Godofredo Schneider, que se localiza próximo ao Centro de Vila Velha e, portanto, bastante distante da Região de Terra Vermelha.

¹⁶ SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º ano do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012.

lado do Xavante. Tem uma loja de móveis.¹⁷

Dona Lindaci compartilha da mesma opinião acerca de quais as conquistas mais importantes:

Olha, o que é necessário, em primeiro lugar, é mesmo avançar na educação. A gente passa em todas as esquinas e vê aquele monte de jovens nas esquinas sendo olheiros de vagabundos, e, não é bom pra nós. Além disso, além das escolas, projetos para os jovens, e depois a parte de infraestrutura mesmo, das ruas, que estão bem problemáticas, precárias [...].¹⁸

É possível notar nos depoimentos uma grande satisfação pelas conquistas obtidas, isto é, pela construção de escolas, postos de saúde, obras de saneamento básico, entre outros. Mas é possível notar, também, o reconhecimento e o indicativo de que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que Terra Vermelha se torne um lugar adequado para se viver em todos os sentidos.

O depoimento de Dona Lindaci é bastante elucidativo no que tange às desigualdades existentes entre os vários bairros da região, o que nos faz observar a necessidade de maior equidade nos investimentos, bem como de ampliação do volume desses investimentos:

¹⁷ SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012.

¹⁸ OLIVEIRA, Lindaci da Silva. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 3 jul. 2012.

[...] A gente vive nesse mundinho nosso de Terra Vermelha, mas se você for andar lá pra João Goulart, Morada da Barra, o negócio lá é muito triste. Semana passada mesmo, fui em Morada da Barra, é doído você olhar, sabe? A gente acha que está tudo tranquilo, mas vai um pouquinho mais pra dentro pra você ver uma coisa!¹⁹

Apesar dos problemas ainda existentes na região, todos os entrevistados são enfáticos quanto ao sentimento que nutrem em relação ao local onde vivem. Sobre esse ponto, Dona Lindaci argumenta o seguinte:

Desde o primeiro dia em que eu botei os pés aqui em Terra Vermelha, eu falei assim que é aqui que eu quero morar! Eu quero viver aqui! E eu tenho 21 anos já morando aqui, criei meus filhos, meu menino tem 21. Nasceu aqui e está trabalhando direitinho, a Aline está aí também, estudando direitinho, não me dá trabalho. Eles não me dão trabalho, e foi bom, foi ótimo, pra mim foi ótimo estar aqui em Terra Vermelha, eu quero continuar aqui mesmo, tem lugar melhor que aqui, não.²⁰

Dona Joana fala algo muito semelhante:

Tem bastante coisa boa em Terra Vermelha. Assim, primeira coisa é quem tem bastante Igreja. Tanto

¹⁹ OLIVEIRA, Lindaci da Silva. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 3 jul. 2012.

²⁰ OLIVEIRA, Lindaci da Silva. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 3 jul. 2012.

católica quanto evangélica. Temos aqui posto de saúde, ônibus de 15 em 15 minutos, de 20 em 20 minutos, temos duas linhas aqui dentro de Terra Vermelha, que a gente pode sair daqui e pegar. Temos várias linhas do verdinho (ônibus municipal) também. Então, eu acho assim, quem mora aqui hoje é muito feliz. Vou falar um fato de uma pessoa que mora aqui recentemente, que ela veio de Parque das Gaivotas, naqueles prédios lá, e ela falou assim: – Joana, eu gosto de morar aqui porque aqui a gente sente o calor humano, aqui, todo mundo fala com todo mundo, a gente, a gente se sente gente, bem assim que ela falou! Que eu moro tanto tempo nos prédios lá e eu não tenho um vizinho, eu não tinha um amigo lá no prédio, entendeu? E aqui eu já tenho um monte de amigo. Então, assim, é fácil de a gente fazer amizade! Então, assim, eu tenho orgulho de morar aqui, o meu filho eu sei que também tem, entendeu? Eles são igual a mim, se alguém falar mal de Terra Vermelha dentro do ônibus, eles briga também, entendeu? Defendem Terra Vermelha, porque todo mundo vê Terra Vermelha como um bairro que só tem crime, não vê as coisas boas! E eu já falei isso na rádio, que deveria, ao invés de estar falando que Terra Vermelha é isso, é aquilo, eles poderiam vir aqui e ver com seus próprios olhos as coisas boas que tem aqui em Terra Vermelha.²¹

O mesmo se evidencia no depoimento do Senhor Magesky:

Eu gosto de Terra Vermelha, já me mudei daqui dez vezes e voltei outra vez. Agora eu tenho quase um dever com um tio de criação em morar um pouco mais longe de movimento, mais campo, mas, com certeza, vou estar sempre aqui. Não vendo nada do que meu pai deixou aqui! A região, eu não vendo.²²

O fragmento deixa claro que, maior do que os problemas puramente materiais, de infraestrutura, enfrentados pela população de Terra Vermelha, é o *estigma negativo* existente sobre a região. Em uma das reuniões junto aos alunos do 2º ano por ocasião da presente pesquisa, uma das alunas, em consonância com os demais alunos da turma, citou uma história muito reveladora acerca do que mencionamos. Segundo consta, é comum que, quando a casa de shows existente na região, denominada *Território*, anuncia um evento, o faça indicando o endereço como sendo Barra do Jucu ou Ponta da Fruta, balneários próximos. Ocorre que, quando houve um homicídio em frente à mesma casa de shows, divulgaram o ocorrido com o endereço de Terra Vermelha. Isto é, no contexto da venda de um produto, de um evento, busca-se desvinculá-lo da RGTV, porém diante de um fato negativo, ocorre a vinculação direta com a Região da Grande Terra Vermelha, como no tal crime. É, sem dúvida, uma forma de desvincular a imagem que se que construir acerca da casa de shows e a região em apreço.

²¹ SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012.

²² MAGESKY, Antônio. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 08 out. 2012.

Portanto, além dos investimentos que ainda se fazem necessários, é fundamental que as autoridades atentem para essa dimensão, ou seja, a de desenvolver ações de políticas públicas que promovam mudanças no modo como Terra Vermelha é vista, uma vez que, para transformar uma dada realidade, é fundamental, em primeiro lugar, conhecê-la, e sem pensamentos preconcebidos, ou a partir de visões enviesadas.

Considerações finais

O presente trabalho, pela sua natureza exploratória, não teve a pretensão de esgotar o assunto proposto, pois este implica uma leitura densa, intrigante e muito rica, especialmente quando observamos a grande quantidade de fontes existentes, especialmente orais, que ainda não foram exploradas, e a simultânea dificuldade em colhê-las. Assim, o que se fará, neste tópico final, é aquilo que se poderia denominar de considerações acerca do *passo inicial de um longo trabalho*, que é o de contribuir para a escrita da história da Região da Grande Terra Vermelha, Vila Velha-ES, com o foco em depoimentos orais, bem como em outras documentações.

No primeiro tópico, tentamos demonstrar a ocupação da região. Observou-se que a ocupação foi motivada pelo grande êxodo rural decorrente da crise do café verificada a partir de meados da década de 1960, processo ocorrido de forma simultânea à implementação dos *Grandes Projetos de Impacto*, programa de industrialização levado à cabo pelos governos estaduais no contexto do Regime Militar.

Em seguida, na segunda parte, as preocupações estiveram voltadas para a análise das movimentações por parte dos moradores no sentido de buscarem mudanças qualitativas para a região. Foi possível aferir as dificuldades diversas encontradas pelos primeiros moradores para edificar a sua comunidade. Foi possível ainda perceber, nos depoimentos, o elemento essencial que movia a comunidade: *a solidariedade*. Com ela, foi possível construir certos princípios de consenso para que a comunidade como um todo pudesse ser beneficiada.

A pesquisa também nos permitiu observar que, apesar das diversas melhorias verificadas na região, ainda há muito em que se avançar. São necessários investimentos em educação, saúde, saneamento, regularização fundiária, enfim, políticas públicas dos mais variados tipos e modalidades. É notável o orgulho e a satisfação por parte dos moradores da região em nela viver. Mas uma comunidade composta, em sua imensa maioria, por gente sofrida e trabalhadora, necessita e merece muito mais do que tem sido ofertado pelos poderes constituídos.

Essas e outras questões acerca dos processos que envolvem a história da ocupação e desenvolvimento da Região da Grande Terra Vermelha carecem, portanto, de estudos mais aprofundados. Diante dessas constatações, muitas questões permaneceram em aberto nesta pesquisa e serão alvos de pesquisas futuras.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 219-229.

BERGMANN, Helenice Maria Barcellos. **As relações entre gênero e meio-ambiente no processo de ocupação do espaço**: Terra Vermelha - Vila Velha/ES. Vitória, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - PPGE/CP, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 1996.

CORRÊA, Humberto P. História Oral: considerações sobre suas razões e objetivos. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo Xamã, 1996.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Diagnóstico dos equipamentos públicos**: aglomerado de Terra Vermelha. Vitória, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FICO, Carlos. **O Grande Irmão**: da operação *Brother San* aos anos de chumbo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MARZULO, Eber Pires. **Espaço dos pobres**: identidade social e territorialidade na modernidade tardia. Tese. (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) IPPUR/CCJE/UFRJ, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História Oral: um locus disciplinar federativo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo Xamã, 1996.

ROCHA, Haroldo C.; MORANDI, Ângela. **Cafecultura e Grande Indústria: a transição no Espírito Santo 1955/1985**. Vitória: FCAA, 1991.

SANTOS, Sarah Maria Monteiro. **Transformações do Uso do Solo Urbano**: O caso do município de Vila Velha-ES. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – UFRJ/CCJE/IPPUR, Rio de Janeiro, 1982.

SARAVÍ, Gonzalo (2004). **Segregación urbana y espacio público**: los jóvenes en enclaves de pobreza estructural. Revista de la Cepal, n.83.

SILVA, Adriana Ilha da. **A segregação sócio-espacial em Vitória/ES a partir do exame das condições gerais de produção capitalista e dos equipamentos e serviços públicos**. Dissertação. (Mestrado em Serviço Social) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Marcos A. da. (Org.). **República em Migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990a.

VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Depoimentos

MAGESKY, Antônio. **Região da Grande Terra Vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 8 out. 2012

OLIVEIRA, Lindaci da Silva. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 3 jul. 2012.

SILVA, Genair Maria da. **Região da Grande Terra vermelha: histórias e memórias**. 2012. Entrevista concedida a Ueber José de Oliveira e à turma de 2º anos do Ensino Médio da Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha, Vila Velha, 19 jun. 2012

Recebido em 2013-09-24
Publicado em 2014-08-25